

## A PESCA ARTESANAL DOS SIRIS CAPTURADOS NO ESTUÁRIO DO RIO PARIPE, ILHA DE ITAMARACÁ, PERNAMBUCO

Aline Alves RODRIGUES<sup>1</sup> & Luciana de Matos Andrade BATISTA-LEITE<sup>2</sup>

<sup>1</sup>\*Graduanda do Curso de Bacharelado em Ciências Biológicas da Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Universidade Federal Rural de Pernambuco – UAST/UFRPE

<sup>2</sup> Professora Adjunto II da UAST/UFRPE

\*email: [alinearodrigues@live.com](mailto:alinearodrigues@live.com)

Recebido em: 06/04/2015

**Resumo** - A pesca dos siris ocorre artesanalmente e com apetrechos de pesca rudimentares. O presente trabalho objetivou descrever a pesca artesanal dos siris capturados no estuário do rio Paripe, ilha de Itamaracá, Pernambuco. A coleta de dados foi realizada entre maio e outubro/2010, em duas etapas: 1. Aplicação de formulários e entrevistas; 2. Descrição dos organismos comercializados. Os espécimes foram comprados, individualizados em sacos e conservados em gelo. No laboratório foram identificados, avaliados quanto ao sexo e desenvolvimento sexual, pesados e mensurados. A pesca artesanal do siri é praticada por homens e mulheres diariamente, na baixamar. Cada pescador trabalha com três apetrechos de pesca que chamam de “iscas”, oferecendo atrativos de carne de aves ou peixes, durante seis horas por dia. Foram analisados 263 siris, distribuídos em 3 espécies: *Callinectes danae* (76,80%), *Callinectes larvatus* (22,05%) e *Callinectes exasperatus* (1,15%). A espécie *C. danae* esteve representada por 78 adultos e 124 jovens, com largura cefalotorácica – LC entre 35,40 e 102,10 mm, peso médio 40,30 g ± 26,57. *C. larvatus* apresentou 33 adultos e 25 jovens, com LC entre 37,66 e 82,26 mm, peso médio de 32,07 g ± 17,68. *C. exasperatus* esteve representado por 3 fêmeas adultas com LC entre 75,67 e 83,36 mm, peso médio de 75,15 g ± 16,16. As fêmeas adultas não são comercializadas na intensidade dos machos, mas complementam a pescaria. Contudo, na condição ovígera são devolvidas ao ambiente pelos pescadores. Os siris são comercializados individualmente sem os apêndices, filé ou apenas seus cefalotórax para bares, turistas e barracas. O valor comercial varia de R\$ 18,00 a R\$ 20,00 reais por quilograma. Apenas o cefalotórax custa R\$ 0,50/unidade e são capturados em média 80 indivíduos/dia, necessários para um quilograma. O domínio da arte da pesca dos siris representa a sua própria sobrevivência e a manutenção dos seus dependentes. Contudo, os pescadores sofrem com as incertezas da captura e, conseqüentemente com a oscilação das suas rendas.

Palavras-Chave: Captura, *Callinectes*, Portunídeos

## ARTISAN FISHING FOR SWIMMING CRAB CAUGHT IN PARIPE RIVER ESTUARY, THE ISLAND ITAMARACÁ, PERNAMBUCO

**Abstract** - Fishing in the genus *Callinectes*, popularly referred to as swimming crab, occurs with rudimentary fishing artisanal gear and catch on a small scale. The present study sought to describe artisan fishing of the swimming crabs caught in Paripe river estuary, island of Itamaracá, Pernambuco state. Data collection was carried out between May and October/2010 in two steps: 1. qualitative study to record of artisan fishing, with application forms and interviews; 2. Description of the organisms marketed. The specimens were bought, personalized bags and kept on ice. In the lab were identified, evaluated regarding sex and sexual development, weighed and measured. Artisanal fishing for swimming crab is practiced by man and women daily, at low tide. Each fisherman works with three fishing instrument, which call "bait", offering attractive of meat chicken or fish, during six hours/day of activity in the estuary. A number of 263 swimming crabs were analyzed, distributed in 3 species: *Callinectes danae* (76.80%), *Callinectes larvatus* (22.05%)

and *Callinectes exasperatus* (1.15%). The species *C. danae* was represented by 78 adults and 124 juveniles, with cefalotorácia – LC width 35.40 mm to 102.10 mm, mean weight 40.30 g  $\pm$  26,57. *C. larvatus* presented 33 adults and 25 juveniles, LC 37.66 mm to 82.26 mm, mean weight 32.07 g  $\pm$  17,68. *C. exasperatus* was represented by 3 adult females with LC between 75.67 to 83.36 mm, mean weight 75.15 g  $\pm$  16,16. The females are not marketed in the strength of males, but complement the fishery. However, on condition ovigerous they are returned to the environment for the fisherman. Swimming crabs are sold singly without appendices, fillet or just her cephalothorax to bars, tourists and tents. The business value varies from R\$ 18.00 to R\$ 20.00 per kilogram. Only the cephalothorax costs R\$ 0.50/unit and is captured on average 80 individuals/day, needed for one kilogram. The field of art of fishing for swimming crab represents its own survival and maintenance of your dependents. However, the fisherman suffer from the uncertainties of capture and consequently with the sway of their incomes.

Keywords: Fishing, *Callinectes*, Portunídeos

## INTRODUÇÃO

O Brasil apresenta grande potencial pesqueiro para as espécies do gênero *Callinectes*. Contudo, sua captura é predominantemente praticada de forma artesanal por pequenas comunidades pesqueiras distribuídas por todo o litoral brasileiro (SEVERINO-RODRIGUES, PITA & GRAÇA-LOPES, 2001). Esses crustáceos apresentam ampla aceitação no mercado regional (BARRETO, BATISTA-LEITE & AGUIAR, 2006), e por isso, são bastante explorados.

Os siris têm ampla aceitação na culinária do Nordeste por seu sabor agradável e são bastante comuns em cardápios de restaurantes e bares, além de serem comercializados “*in natura*” nas margens de rodovias e feiras livres. Segundo Barreto, Batista-Leite & Aguiar (2006), os siris movimentam parte da economia pesqueira nordestina. Conforme os dados apresentados pelo IBAMA (2007), o estado de Pernambuco contribuiu com 328 toneladas de siris, para importação e exportação. Isto corresponde a 22,45% do total comercializado em todo país, sendo explorado em valores inferiores apenas para o estado da Bahia (ALMEIDA et al., 2007), fato possivelmente associado a maior linha de costa deste último estado (aproximadamente 1.100 Km), quando comparado com Pernambuco que apresenta 187 Km de litoral.

De acordo com Diegues (1988), a pesca artesanal é definida como aquela em que o pescador sozinho ou em parcerias participa diretamente da captura, usando instrumentos relativamente simples. Da pesca, retiram a maior parte de sua renda, ainda que sazonalmente possam exercer atividades complementares.

Os pescadores artesanais da comunidade de Vila Velha, município de Itamaracá - PE, estabelecem historicamente uma relação direta com o manguezal local, podendo ser traduzida, sobretudo, numa relação econômica (RASP, 1999), voltada para a exploração dos recursos marinhos e estuarinos nos quais configuram maior parcela da renda familiar, além de servirem como meio de subsistência. El-Deir (1998) e Rasp (1999) estudaram, nesta mesma comunidade, as marisqueiras e o ambiente e a saúde na área do manguezal, respectivamente. Ressaltaram que os moradores das comunidades em estudo sobrevivem da pesca artesanal (catação de moluscos e crustáceos) nos manguezais e estuário, exceto no “mar aberto”, e enfatizaram que a pesca é realizada com o uso ou não de embarcações, respeitando o período reprodutivo das espécies. Farrapeira, Coelho-Filho & Santos, (2000) e Coelho-Filho, Santos & Assunção, (2000) estudaram os organismos macrobentônicos representados pelos táxons Porifera, Cnidaria, Platyhelminthes, Nematoda, Annelida, Mollusca e Arthropoda, destacando os Crustacea em abundância.

Desta forma, o presente trabalho objetivou descrever a pesca artesanal dos siris capturados

no estuário do rio Paripe, ilha de Itamaracá, Pernambuco, em relação aos apetrechos utilizados, as espécies capturadas e o conhecimento dos pescadores sobre a pesca do siri na região.

## MATERIAL E MÉTODOS

### DESCRIÇÃO DA ÁREA

O estuário do rio Paripe está situado ao sul da ilha de Itamaracá, litoral norte do estado de Pernambuco, entre as coordenadas 7°41'39", 7°48'54" S e 34° 49' 12", 34° 53' 13" W (MOURA, BITTENCOURT-OLIVEIRA & NASCIMENTO, 2007).

O rio Paripe é perene, com extensão de 4 km e profundidade máxima de 3 metros; a zona estuarina apresenta 1,6 km de comprimento e 0,55 km de largura, na sua parte mais larga. Está localizado no distrito de Vila Velha a 69 m de altitude, banhado pelo rio Paripe. A ação antropogênica neste ambiente é considerada mínima, vivendo a população local, basicamente, da atividade agrícola e da pesca (ROCHA, 1991; LACERDA, 1994; SANTOS, 2001).

### DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE PESQUEIRA

Para o estudo da pesca artesanal foram utilizados questionários estruturados e entrevistas abertas enfocando as seguintes informações: locais e estratégias de coleta, bioecologia e cadeia produtiva. Os questionários foram desenvolvidos inicialmente seguindo o modelo de Batista-Leite (2005), porém através de conversações casuais, *ad libitum*, com os entrevistados foram incluídos diversos pontos e alterada a linguagem do formulário pelo idioma local, pois segundo Costa-Neto (2002), o domínio do idioma nativo é prioritário para o êxito da investigação e redução do desvio cultural.

Os depoimentos foram transcritos para os formulários e caderno de campo, e o domínio da forma de falar foi cuidadosamente preservado, visto que os pescadores não permitiram a gravação da entrevista. Além disso, as unidades informativas daquela cultura (memes) foram registradas cautelosamente.

Para validar os dados, foi feito acompanhamento com os pescadores durante as atividades de pescaria e as informações mencionadas pelos estes, foram consideradas as frequências das citações e confrontadas com a bibliografia específica, permitindo estabelecer uma analogia entre ambos. Além disso, foi aplicada a técnica de turnês, proposta por Spradley & MacCurdy (1972).

Como afirmou Marques (1995), nesta técnica o pesquisador entrega-se às “mãos” do timoneiro-guia. Assim, há uma integração do pesquisador com o trabalho dos pescadores, onde registra-se o conhecimento sobre os organismos coletados, as estratégias de coleta e a sua percepção com relação ao recurso.

#### CARACTERIZAÇÃO BIOLÓGICA DOS SIRIS COMERCIALIZADOS

Os siris utilizados no presente estudo foram capturados pelos pescadores artesanais do estuário do rio Paripe, ilha de Itamaracá-PE, durante a estação chuvosa (inverno: nos meses de maio, junho e julho de 2010) e na estação seca (verão: agosto, setembro e outubro de 2010), com uma visita mensal durante o período de estudo.

Ainda em campo, os espécimes foram submetidos ao olhar do pescador para verificar o seu domínio na identificação do sexo. Esta técnica foi descrita por Costa-Neto (2002) como “teste projetivo”, que consiste em oferecer aos informantes estímulos visuais para a obtenção de informações sobre o objeto em estudo.

No total, foram comprados 265 siris: no mês de maio, 30; junho, 50; julho, 50; agosto, 50; setembro, 50 e outubro, 35. Em seguida, foram individualizados em sacos plásticos para evitar a perda dos apêndices, conservados com gelo em caixas térmicas e encaminhados a Base de Pesca da Universidade Federal Rural de Pernambuco, na Praia de Jaguaribe-PE.

Posteriormente, foram transportados em caixas térmicas para o Laboratório de Biologia e Pesca da Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UAST/UFRPE), onde foram congelados no freezer até o momento das análises de biometria e sexagem.

Por conseguinte, as análises dos exemplares foram efetuadas em laboratório, após descongelamento dos indivíduos à temperatura ambiente. Os espécimes foram identificados de acordo com Melo (1996), avaliados quanto ao peso total (PT) aferido em balança com precisão de 0,01g. A biometria foi realizada com paquímetro de aço, com precisão de 0,02 mm tomando-se a largura cefalotorácica (LC) – Medida pela distância entre as bases do espinho lateral (WILLIAMS, 1984). A determinação do sexo foi efetuada, tomando-se como base a morfologia externa do abdome, largo para as fêmeas, e estreito para os machos (semelhante à letra “T” invertida). A maturidade morfológica foi avaliada com base na morfologia do abdome e sua aderência ao esterno (WILLIAMS, 1984).

Para verificar diferenças significativas do peso corpóreo dos siris durante as estações seca e

chuvosa foi aplicado o teste “t” de Student, com nível de significância de  $p < 0,01$ .

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE PESQUEIRA

A descrição da pesca foi embasada no relato de 06 (seis) pescadores artesanais, sendo esse o total que trabalham com a pesca do siri na comunidade de Vila Velha, com 42 horas de observação das atividades e técnicas de captura, em campo. A dinâmica de cada pescador de siris do estuário do rio Paripe - PE acontece diariamente de segunda-feira a sexta-feira, durante o dia, podendo ocasionalmente ocorrer a noite, sempre iniciando na baixamar e finalizando na preamar, durante as marés de sizígias e de quadratura, sendo as marés de sizígia mais produtivas, conforme os seguintes fragmentos mêmicos:

“[...] vai na vazante e volta na enchente [...].”

(Sr<sup>a</sup>. M. C. C., 48 anos)

“[...] depende do horário que a maré tá baixa, pra pegar siri pega com ela baixa [...].”

(Sr<sup>a</sup>. L. T. C., 60 anos)

Batista-Leite (2005) estudando a pesca artesanal do guaiamum, *Cardisoma guanhumi* Latreille (1825), do estuário do rio Goiana - PE verificou que a pesca ocorria durante a baixamar, preferencialmente nas luas cheia e nova.

Os pescadores artesanais desenvolveram apetrechos de pesca rudimentares, improvisados, de fácil manipulação, com grande capacidade de captura, denominados vulgarmente por “iscas” (Figura 1A), instrumento semelhante a uma vara de pesca que mede aproximadamente ½ metro retirada do próprio manguezal, fixadas na areia, numa profundidade de aproximadamente 60 centímetros. Além das “iscas”, utilizam puçás (Figura 1A, 1C), rede de nylon para embalar os atrativos (pele de galinha e cabeça de peixe) (Figura 1A) e um balde (Figura 1D) para acondicionar os indivíduos. Os siris apresentam o comportamento de se agarrar na rede de nylon, cujo interior contém os atrativos. De acordo com Severino-Rodrigues, Pita & Graça-Lopes (2001), este comportamento deve-se ao hábito alimentar desses crustáceos, baseado em animais mortos a deriva na água, permitindo desta forma o sucesso do apetrecho de pesca empregado.

Cada pescador utiliza três “iscas” (Figura 1C) em pontos aleatórios do estuário, cuja

distância entre as “iscas” é de aproximadamente 2 metros. Os pescadores visitam (despesca) as “iscas” uma de cada vez, a cada 10 segundos. Em caso de captura, sinalizada pela presença de siris presos a rede de nylon, esta é suspensa cautelosamente para não afugentar o animal e a “isca” por sua vez agitada sobre o puçá, para que o siri seja derrubado em seu interior. Quando o puçá encontra-se com alguns siris capturados, são colocados dentro de um balde de plástico (Figura 1D), contendo água do mar para mantê-los vivos por maior tempo. Conforme os pescadores artesanais, o atrativo que obtém maior sucesso na captura dos siris é a cabeça de peixe.



**Figura 1.** Descrição da pesca artesanal dos siris capturados no estuário do rio Paripe, Pernambuco, durante o período de maio a outubro de 2010: A. Aparelho de pesca denominado pelos pescadores artesanais como “iscas”; B. Transferência dos siris capturados do puçá para o balde plástico; C. Disposição das três “iscas” utilizadas por pescador; D. Balde de plástico com água estuarina para manutenção dos siris “*in natura*”.

Severino-Rodrigues, Pita & Graça-Lopes (2001) trabalhando com a pesca artesanal do siri nos estuários de Santos e São Vicente – SP, descreveram que o aparelho de pesca tradicionalmente utilizado pelos pescadores artesanais da região é o “espinhel-de-iscas”, constituído por um cabo de polietileno com aproximadamente 4,0 mm de diâmetro e comprimento que variam de 100 a 300 metros, ao qual são fixadas, a cada 1,5 m, com chumbadas de aproximadamente 30 g, amarrando-se ao lado de cada chumbada, iscas de vísceras bovina (denominadas vulgarmente de “bofe”) ou pedaços de peixe.

Após a coleta dos siris no estuário do rio Paripe - PE, o pescador retorna a sua residência e inicia a etapa seguinte do seu trabalho, caracterizada pelo beneficiamento do recurso. Os siris são

colocados numa panela de alumínio com água e sal de cozinha para que sejam cozidos, com intuito de facilitar a retirada de seus músculos (preparação do filé de siri). Os siris são cozidos por 30 minutos e sinalizam o término do cozimento com mudança na pigmentação do exoesqueleto para cor vermelha (Figura 2A). Esta atividade é exercida geralmente pelas mulheres. Em seguida, é realizada a filetagem que consiste em extrair todos os músculos de apêndices e cefalotórax e acondicioná-los no interior de sacos plásticos de um quilograma. Os siris também são comercializados (em bares ou por encomenda) em quilograma, com o cefalotórax desprovido de apêndices (Figura 2B). O tempo total entre o processo de captura e beneficiamento ocorre em 12 horas diárias de trabalho.



**Figura 2.** Beneficiamento do siri capturado pelos pescadores artesanais do estuário do rio Paripe, Pernambuco, durante o período de maio a outubro de 2010: A. Pigmentação do siri após cozimento; B. Siris acondicionados em um saco de plástico de um quilograma, prontos para serem comercializados.

Batista-Leite (2005) estudando *C. guanhumi* do estuário do rio Goiana - PE registrou que o guaiamum, *C. guanhumi*, é comercializado *in natura* sem nenhum beneficiamento, apenas amarrados individualmente para possibilitar que os compradores escolham.

Os siris são comercializados individualmente sem os apêndices, filé ou apenas seus cefalotórax para bares, turistas e barracas. O valor comercial varia de R\$ 18,00 a R\$ 20,00 reais por quilograma. Além disso, apenas o exoesqueleto vazio do siri também é comercializado para ornamentação de pratos conhecidos como “casquinha de siri” no valor de R\$ 0,50 reais/Unidade.

O valor de comercialização do filé de siris preparados no leite de coco nos bares (proprietário pescador artesanal) apresenta média de R\$ 6,00 reais para a população residente da comunidade de Vila Velha - PE e R\$ 8,00 para os turistas que visitam a vila.

Severino-Rodrigues, Pita & Graça-Lopes (2001) descreveram que os siris dos estuários de Santos e São Vicente-SP são oferecidos ao consumidor organizados em dúzias ou mais raramente, por peso. Os siris comercializados em dúzia são organizados em “amarrados ou feiras” compostos

por indivíduos grandes e pequenos intercalados, corroborando com Batista-Leite (2005) em seu trabalho com o guaimum, *C. guanhumí*. Todavia, os siris comercializados pela comunidade em estudo diferem no seu padrão de oferta ao consumidor, devido ao difícil acesso e a distância que a vila possui dos centros urbanos, sendo então necessária a comercialização dos siris conservados em gelo.

#### CARACTERIZAÇÃO BIOLÓGICA DOS SIRIS COMERCIALIZADOS

Os pescadores artesanais dominam a identificação dos sexos dos siris, com base na morfologia do abdome. Foram identificadas quatro etnoespécies de siris do gênero *Callinectes* spp., reconhecidos pelos pescadores como: siri corredor - *Callinectes danae* Smith, 1869 (76,26%) e *Callinectes ornatus* Ordway, 1863 (0,75%), siri de pedra - *Callinectes larvatus* Ordway, 1863 (21,88%), siri de lama - *Callinectes exasperatus* (Gerstaecker, 1856) (1,13%).

As espécies *C. danae* e *C. larvatus* foram capturadas tanto nas áreas mais próximas do mar como em áreas mais internas do rio Paripe-PE. Todavia, as coletas da espécie *C. exasperatus* ocorreram apenas nas áreas mais internas do rio e *C. ornatus* em áreas de maior influência do ambiente marinho, corroborando com Melo (1996) que enfatiza a preferência e distribuição dos habitats de *Callinectes* spp. Severino-Rodrigues, Pita & Graça-Lopes (2001) relataram que a diferença na distribuição das espécies de siris se dá pela presença de indivíduos maiores ou da espécie mais abundante (*C. danae*) que afugenta os de menor tamanho (*C. ornatus*) ou aquele menos abundante (*C. ornatus* e *C. exasperatus*). Os autores complementaram ainda que as características das espécies e estratos etários são influenciadas pela salinidade, regimes de chuvas e marés, alimentação, temperatura da água, profundidade, vento, época do ano, local de captura, etc. Além disso, esses fatores interferem nas pescarias em termos de participação relativa das espécies, número e tamanho dos exemplares.

As fêmeas adultas não são comercializadas na mesma intensidade dos machos, mas complementam a pescaria. Contudo, foi constatado nas observações em campo que, na condição ovígera são devolvidas ao ambiente. Essa prática é realizada de geração a geração, o que difere da Praia de Jaguaribe, onde observou-se que as fêmeas ovígeras são preferidas pelas pescadoras. A preservação dos espécimes nesta fase de desenvolvimento demonstra uma consciência ecológica para manutenção do recurso pesqueiro. Severino-Rodrigues, Pita & Graça-Lopes (2001) também observaram o mesmo fato com os pescadores artesanais de siris dos estuários de Santos e São Vicente-SP.

Os pescadores foram questionados se os siris apresentam peso diferente durante as estações do ano (seca e chuvosa): todos os entrevistados afirmaram que na estação chuvosa os siris apresentam peso superior aos da estação seca. Foi confirmado em laboratório com espécimes comprados dos pescadores, no teste “t” de Student que o peso total entre os indivíduos nas estações do ano apresentou diferenças significativas [ $t= 2,576$ ; g.l.= 181;  $p<0,01$ ] com espécimes mais pesados na estação chuvosa. A atividade de pesca nesse período é diferente em virtude do aumento das chuvas, tornando a captura do siri deficiente, o que possibilita o crescimento e a engorda.

De acordo com o relato de 100% dos pescadores, o apetrecho de pesca “isca” é satisfatório para a captura de indivíduos de diversos tamanhos, esse fato foi observado em campo e confirmado em laboratório, através dos registros biométricos (Tabela I).

**Tabela 1.** Biometria dos siris capturados com “iscas”, para comercialização, pelos pescadores artesanais, durante o período de maio a outubro de 2010, no estuário do rio Paripe, ilha de Itamaracá, Pernambuco, Legenda: LC – Largura Cefalotorácica.

ESPÉCIE	LC MACHO		LC FÊMEA		PESO TOTAL MÉDIO (g)
	Mínimo (mm)	Máximo (mm)	Mínimo (mm)	Máximo (mm)	
<i>Callinectes danae</i>	38,78	120,1	35,40	85,00	40,30 ± 26,57
<i>Callinectes larvatus</i>	47,57	82,26	37,66	66,00	32,07 ± 17,68
<i>Callinectes exasperatus</i>	-	-	75,67	83,36	75,15 ± 16,16

Foi avaliada a percepção dos pescadores quanto à interferência da lua para a pesca: 83,33% responderam que a lua interfere na pesca e apenas 16,67% afirma não depender da lua para pescar, de acordo com o seguinte meme:

“[...] maré de lua é melhor pra pegar [...]”

(Sr<sup>a</sup>. L. T. C., 39 anos)

“[...] pra mim, toda hora é hora! [...]”

(Sr<sup>a</sup> M. O. M. C., 56 anos)

Em seguida, os pescadores foram questionados sobre qual seria a melhor lua para a realização da pesca: 66,66% afirmaram que a melhor lua é a cheia, 16,67% preferem a lua crescente e 16,67% preferem a lua cheia e crescente para pescar.

“[...] tem lua que tá grande e tem lua que tá miudinho [...].”

(Sr<sup>a</sup> S. M. S., 50 anos)

*“[...] quando é lua cheia a gente pega mais [...].”*

(Sr<sup>a</sup> M. C. C., 48 anos)

Batista-Leite (2005) avaliou a percepção dos catadores de *C. guanhumi* sobre a influência da lua na captura, obtendo-se os seguintes resultados: 87,50% afirmaram que a lua influencia a pesca; 12,50% dos entrevistados acreditavam que a lua não influencia. Os catadores de *C. guanhumi* também foram indagados quanto a melhor fase da lua para a realização da pesca e os resultados contrapõe com os obtidos neste trabalho, onde: 50% dos catadores indicaram as luas minguante e crescente, 25% lua minguante, 12,50% luas cheia e nova e 12,50% afirmaram não haver melhor lua para a pesca.

Posteriormente, os pescadores de siris foram indagados quanto a interferência da maré para a pesca artesanal: 100% afirmaram que a maré influencia na pesca do siri. Também foram questionados sobre qual seria a melhor maré para realização da atividade: 66,66% responderam “maré grande”; 16,67% preferem a “maré alta” e 16,67% a “maré de lua”. Na comunidade, os pescadores artesanais denominam “maré grande” como as marés de sizígia. A “maré alta” é considerada como uma variação da “maré grande” e “maré de lua” são aquelas marés que ocorrem na lua nova e na lua cheia.

*“[...] maré grande, maré que seca muito, maré morta num presta [...].”*

(Sr<sup>a</sup> S. M. S., 50 anos)

*“[...] a maré alta que seca bastante, tem muito é muito boa [...].”*

(Sr<sup>a</sup> M. O. M. C., 56 anos)

Batista-Leite (2005) questionou os catadores de *C. guanhumi*, no estuário do rio Goiana - PE, sobre a influência da maré: 81,25% dizem haver interferência e 6,25% informaram que não. Os pescadores afirmaram que a maré influencia: 81,50% dos entrevistados citaram que nas luas cheias e novas, as marés são grandes alagando a área de pesca e os guaiamuns, *C. guanhumi*, entram em ecdise (denominado popularmente de matumba), impedindo a captura. Para 6,25% a maré não interfere na pesca, apenas facilita descer o rio na baixamar (maré vazante) e subir na preamar (maré enchente). Todavia, os guaiamuns, *C. guanhumi*, são crustáceos semi-terrestres, enquanto que os siris são exclusivamente aquáticos.

Os pescadores foram questionados sobre a interferência das estações chuvosa (inverno) e

seca (verão) na captura dos siris: 50% responderam que o verão é a melhor estação para a pesca, porque no inverno as chuvas dificultam a visualização e afugentam os siris. Contudo, 50% afirmaram que não existe diferença na coleta durante as estações.

*“[...] os siri só sai no verão não sai na chuva [...]”*

(Sr<sup>a</sup> S. M. S., 50 anos)

Em relação ao conhecimento dos pescadores sobre a ecdise (conhecido popularmente por “siri mole”) dos siris: 100% afirmaram conhecer: 33,33% declararam que a ecdise ocorre na lua nova, 16,67% informaram que os siris são encontrados em processo de ecdise nas marés das primeiras horas da manhã e 50% declararam que não sabem o período da ecdise. De acordo com o seguinte meme:

*“[...] na lua nova muda [...]”*

(Sr<sup>a</sup> L. T. C., 60 anos),

A frequência de siris em estado de ecdise entre os espécimes analisados na amostragem foi baixa (1,89%), quando comparados aos siris na intermuda (98,11%), o que poderia ser justificado pela ausência de amostragem na fase da lua nova. Os pescadores artesanais da área de estudo comercializam siris em ecdise (chamados vulgarmente de “siri mole”), quando estes são coletados em números satisfatórios para venda, custando mais caro que o siri no estágio de intermuda, devido ao fato de ser mais difícil a sua captura.

## CONCLUSÕES

Para a comunidade de pescadores o domínio da sua profissão e da arte da pesca do siri, sabedoria herdada dos seus antepassados, representa a sua própria sobrevivência e a manutenção dos seus dependentes. Os estoques de siris não sofrem pressão por parte dos pescadores, pois estes têm uma visão sustentável com a manutenção do recurso pesqueiro, mas sim dos visitantes que utilizam a atividade de pesca do siri como esporte ou lazer, como também dos pescadores de peixes da vila, que utilizam o siri como fonte alternativa de renda, quando os recursos destes estão escassos. Assim, urge a necessidade de fiscalização da pesca deste recurso, apontada por todos os pescadores de siris, favorecendo a recomposição dos seus estoques naturais, contribuindo para a manutenção dessa comunidade e de sua cultura. Contudo, sofrem com as incertezas da captura

devido ao uso incorreto do estuário e da poluição e, conseqüentemente, com a oscilação das suas rendas que esses fatos impactam na pesca.

#### AGRADECIMENTOS

Aos pescadores artesanais de siris do estuário do rio Paripe, Vila Velha-PE, pela paciência, dedicação, ensinamentos e disponibilidade que tiveram ao longo deste trabalho. E ao Dr. Luis Ernesto Arruda Bezerra, do Museu de Oceanografia da UFPE, pela confirmação da identificação dos siris.

#### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Z.S.; TORRES, H.S.; CAVALCANTE, A.N.; SANTOS, N.B. & ISAAC NAHUM, V.J. (2007) Aspectos sócio-econômicos e percepção ambiental da pesca artesanal de camarão no município de Cururupu, Maranhão. *Congresso de Ecologia do Brasil, VIII. Anais...* Caxambú - MG.

BARRETO, A.V.; BATISTA-LEITE, L.M.A. & AGUIAR, M.C.A. (2006) Maturidade sexual das fêmeas de *Callinectes danae* (Crustacea, Decapoda, Portunidae) nos estuários dos rios Botafogo e Carrapicho, Itamaracá, PE, Brasil. *Iheringia, Sér. Zool.*, 96(2): 141-146.

BATISTA-LEITE, L.M.A. (2005) Estudo etnocarcinológico dos catadores de *Cardisoma guanhumi Latreille, 1825 (CRUSTACEA, BRACHYURA, GECARCINIDAE)* do estuário do rio Goiana, Pernambuco, Brasil. [Tese de Doutorado] – João Pessoa (PB): Universidade Federal da Paraíba.

COELHO-FILHO, P.A.; SANTOS, M. A. C. & ASSUNÇÃO, C.M.F. Zonação vertical da macrofauna benthica de substratos inconsolidados do estuário do rio Paripe (Itamaracá-Pernambuco MANGROVE 2000: Sustentabilidade de estuários e manguezais: desafios e perspectivas. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, v. 1. p. 1-8. 2000.

COSTA-NETO, E.M. (2002) Manual de Etnoentomología. Manuales & Tesis SEA, Zaragoza, Espanha, 104 p.

DIEGUES, A.C.S. (1988) A pesca artesanal no litoral brasileiro: cenários e estratégias para a sua sobrevivência. São Paulo: NUPAUB/USP, 44p.

EL-DEIR, S.G. (2009) Estudo da mariscagem de *Anomalocardia brasiliana* (Mollusca: Bivalvia)

nos bancos de Coroa do Avião, Ramalho e Mangue Seco (Igarassu, Pernambuco – Brasil). [Tese de Doutorado] – Recife (PE): Universidade Federal de Pernambuco.

FARRAPEIRA, C.M.R.; COELHO-FILHO, P.A. & SANTOS, M.A. Zonação vertical da macrofauna bêntica de substratos consolidados do estuário do Rio Paripe (Itamaracá-PE). In: MANGROVE 2000: Sustentabilidade de estuários e manguezais: desafios e perspectivas. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, p. 1-9. 2000.

IBAMA – INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS E RENOVÁVEIS (2007) Estatística da Pesca. Grandes Regiões e Unidades de Federação. Brasil. Disponível em: [http://www.ibama.gov.br/recursos-pesqueiros/wp-content/files/estatistica\\_2007.pdf](http://www.ibama.gov.br/recursos-pesqueiros/wp-content/files/estatistica_2007.pdf). Acessado em novembro de 2010.

LACERDA, S.R. (1994) Variação diurna e sazonal do fitoplâncton no estuário do rio Paripe (Itamaracá/Pernambuco/Brasil). [Dissertação de Mestrado] – Recife (PE): Universidade Federal de Pernambuco.

MARQUES, G. 1995. Pescando pescadores: Etnoecologia abrangente no Baixo São Francisco. São Paulo: NUPAUB-USP, 285p.

MELO, G.A.S. (1996) Manual de identificação dos Brachyura (caranguejos e siris) do litoral brasileiro. São Paulo: Ed. Plêiade.

MOURA, A.N.; BITTENCOURT-OLIVEIRA, M.C. & NASCIMENTO E.C. (2007) Benthic Bacillariophyta of the Paripe river estuary in Pernambuco state, Brazil. *Braz. J. Biol.*, 67(3): 393-401.

RASP, U. (1999) Ambiente e saúde em área de manguezal: o caso de Vila Velha - Itamaracá – PE. [Dissertação de Mestrado] – Departamento de Saúde Coletiva, Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz. Recife.

ROCHA, C.M.C. (1991) Meiofauna da margem Sul da ilha de Itamaracá (PE), com especial referência aos Tardigrada. [Dissertação de Mestrado] – Recife (PE): Universidade Federal de Pernambuco.

SPRADLEY, J.P. & MCCURDY, D.W. 1972. The cultural experience. Ethnography in complex society. Chicago: Science Research Associates Inc.

SEVERINO-RODRIGUES, E.; PITA, J.B. & GRAÇA-LOPES, R. (2001) Pesca artesanal de siris (Crustacea, Decapoda, Portunidae) na região estuarina de Santos e São Vicente (SP), Brasil. *Bol.*

*Inst. Pesca*, 27(1): 7 - 19

SANTOS, M.A.C. (2001). Crustáceos decápodos de substratos móveis do mediolitoral do estuário do rio Paripe – Itamaracá, PE – Brasil. [Tese de Doutorado] – Recife (PE): Universidade Federal de Pernambuco.

WILLIAMS, A.B. 1984. Shrimps, lobsters, and crabs of the Atlantic Coast of the Eastern United States, Maine to Florida. Washington, Smithsonian Institution. 550p.